

MEMÓRIAS APAGADAS

O abolicionismo e a voz-liberdade de Maria Firmina dos Reis no século XIX

Erased memories: Abolicionism and the voice-freedom of Maria Firmina dos Reisin the 19th century.

Bárbara I. R. Simões Daibert¹
Tatiane Carvalho de Morais²

Artigo recebido em: 30/03/2020.

Artigo accito em: 24/06/2020.

RESUMO

O século XIX foi um período de busca pela formação de um cânone nacional. No momento em que ocorria a ascensão do romance, surge Maria Firmina dos Reis com narrativas que tratavam da representação do preconceito estrutural e delimitações oriundas da escravidão vigente e da dominação patriarcal. Professora e afrodescendente, Firmina escreveu ao longo do século XIX, estabelecendo a construção de um espaço social que refletia o racismo e o patriarcalismo dominantes, alterando diretamente a constituição do espaço dentro e fora de sua narrativa. Desta forma justifica-se uma análise de partes da obra da autora para entender as complexidades da formação do espaço social e suas características.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Voz-liberdade, Mulher, Escravidão.

ABSTRACT

The 19th century was a period of search for the formation of a national canon. In a period in which the rise of the novel was taking place, Maria Firmina dos Reis emerged with narratives that dealt with the representation of structural prejudice and behavioral delimitations, arising from current slavery and patriarchal domination, which especially affected women and blacks. A teacher and Afro-Brazilian woman, Firmina wrote throughout the 19th century establishing the construction of a social space that reflected racism and dominant patriarchalism, directly altering the constitution of space inside and outside her narrative.

KEYWORDS: Literature, Voice-freedom, Women, Slavery

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/8833823958303193>. E-mail: barbarasimoes2005@uol.com.br

² Mestranda do programa de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1885791732235739>. E-mail: tatimoraisprof@gmail.com

Introdução

Maria Firmina dos Reis viveu num período da história nacional cuja identidade literária estava em processo de construção. Nascida em São Luís, em 1822, filha mestiça e ilegítima, viveu numa casa de mulheres com a mãe, a avó e as irmãs. Foi professora e mestra régia (título conferido a professoras formadas e concursadas). Em 1847, foi a única aprovada em concurso para lecionar na Vila de Guimarães, promovendo instrução primária, e lá morou na casa da tia materna que possuía alguns recursos. Antes que pudesse se aposentar, Maria Firmina dos Reis fundou, em Maçarico, um pequeno vilarejo, uma escola mista e gratuita, atitude um tanto ousada para a época.

Maria Firmina sempre foi uma mulher de opinião forte e posicionamento abolicionista, participou ativamente da vida intelectual maranhense escrevendo para a imprensa local, publicando livros e participando de antologias e movimentos políticos. Conta-se que, quando foi admitida no magistério, aos 25 anos, queriam que fosse de “palanquim” (espécie de carruagem carregada por escravos) receber sua nomeação, no entanto, ela recusou com a seguinte afirmativa: “Negro não é animal para se andar montado nele”. Seguiu a pé. Firmina morreu cega e pobre, aos 95 anos, ao lado de uma ex-escrava de nome Mariazinha, que foi mãe de um de seus filhos de criação.

Ao considerarmos os aspectos e particularidades que envolviam o período, identificamos uma escrita firminiana que trata de um processo de libertação por uma perspectiva que abrangia negros e mulheres com um olhar de compaixão e irmandade. Tal fato pode ter contribuído para seu esquecimento, mas é preciso considerar que Firmina foi uma mulher que escreveu para além de questões cotidianas e que trabalhou contra o regime escravocrata, contrariando a ideologia dominante.

Através da leitura do romance *Úrsula* e do conto *A escrava*, percebemos uma literatura que permite falarem aqueles que tanto foram sufocados e oprimidos durante

o período de escravidão, fazendo uso de representações que vão além do espaço geográfico. Acima de tudo, os textos citados anteriormente situam-se no ponto inicial e no desfecho final da trajetória literária de Maria Firmina dos Reis. A escolha dos referidos livros, separados por um grande espaço de tempo, demonstra o desenvolvimento de uma obra literária que despontou no declínio da sociedade escravocrata brasileira. A lacuna temporal retrata o início da voz firminiana em um romance com a fala e representação inicial de personagens negros com representações completamente diferentes do habitual. O negro firminiano é humanizado, e Úrsula inicia esse processo. O desfecho de tal voz se dá com a liberdade de uma fala negra no conto *A escrava*, que naquele momento era possível por intercessão. A trajetória e os textos escolhidos refletem uma direção do negro firminiano que, ao adquirir voz, lutou até o fim por sua liberdade.

A literatura Firminiana toca diretamente em espaços psicológicos e sociais dos personagens que convivem diretamente com preconceito estrutural fruto da hierarquia dominante do Brasil oitocentista. Esse olhar sensível aos dramas da escravidão projeta-se de dentro para fora da obra, atribuindo à voz de quem narra um sentimento de compaixão e irmandade, demonstrando a abordagem da própria Maria Firmina sobre a condição de escravizados e mulheres.

Contexto do século XIX e o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis escreveu e publicou textos ao longo do século XIX em diversos periódicos maranhenses. Seu ponto inicial foi a publicação do romance *Úrsula*, que, por sua vez, embora tenha ganhado visibilidade na época, permaneceria esquecido e silenciado durante boa parte do século XX. O romance, primeiro escrito por uma mulher brasileira, cuja temática abrangia aspectos que normalmente eram

restringidos ao sexo masculino, foi classificado como uma produção de origem “acanhada e humilde”, com padrão diferente dos autores ilustrados e privilegiados do período. Observe a nota publicada em *A verdadeira marmota* sobre o lançamento do romance *Úrsula*:

Raro é ver o belo sexo entregar-se a questões de espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afãs das lides literárias. Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland, uma Stael, uma Sand, Uma H. Stowe, que vale cada uma delas mais que bons escritores; porque reúne a graça do estilo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado que só o sexo amável sabe exprimir.[...]Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de autora, modestamente e ainda sem apregoadores. As suas descrições são tão naturais e poéticas, que arrebatam; enredo tão intricado que se prende a atenção e os sentidos do leitor; o diálogo é animado e fácil; os caracteres estão bem desenhados – como de Túlio, do Comendador, de Tancredo e Úrsula. Sua autora, D. Maria Firmina dos Reis, professora de português na vila Guimarães, revelou um grande talento literário, porquanto com poucos e acanhadíssimos estudos, ainda menos leitura do que há de bom e grandioso na literatura francesa e inglesa, o que fez, deve-o a si, a seu fértil e prodigioso engenho, e a mais ninguém. Oferecemos aos nossos leitores algumas de suas produções, que vêm dar todo o brilho e realce á nossa “Marmota”, que ufana-se de poder contar doravante com tão distinta colaboradora, que servirá por certo de incentivo ás nossas belas, que talvez com o exemplo, cobrem animo, e se atrevam a cultivar tanto talento, que anda por acaso por aí oculto.³

O romance foi anunciado em periódicos como *A Imprensa*, *A Moderação*, *O Noticiário*, *A Verdadeira Marmota* e *Jardim dos Maranhenses*, todos circulavam em São Luís do Maranhão. Apesar de divulgado nos veículos de informação mencionados, *Úrsula*, assim como sua autora, seria relegado ao esquecimento até a elaboração de uma edição fac-similar, preparada por Horácio de Almeida em 1975 como nos afirma Eduardo Assis Duarte:

O resultado é que uma espessa cortina de fumaça envolveu a autora ao longo de mais de um século. Silvio Romero e José Veríssimo a ignoraram. E muitos dentre os expoentes de nossa historiografia literária canônica fazem o mesmo, à exceção de Sacramento Blake e Raimundo de Menezes. (DUARTE: 2004, p.267)

³ *A verdadeira marmota*, 13 de maio de 1861.

O romance *Úrsula* narra um triângulo amoroso como conflito central. A jovem Úrsula é alvo da obsessão do próprio tio, um rico senhor, era perdidamente apaixonado por ela e antes disso pela mãe da jovem, sua própria irmã. Como forma de represália ao amor incestuoso não correspondido, o vilão condenara a irmã e o marido à miséria, comprando todas as dívidas do casal. Úrsula cresce, e quis o destino que se apaixonasse verdadeiramente por um jovem bacharel em direito, “de alma nobre e espírito bondoso”. A história de amor se entrelaça com a narrativa da vida dos escravos que são afetados pelo desfecho desse amor: Túlio, caracterizado com “uma alma jamais vista” e Suzana, a negra anciã, que guarda a lembrança da África com suas raízes e costumes. Úrsula é perseguida pelo vilão, e após a morte de sua mãe anseia pela viagem que a levaria para longe ao lado do seu amor. Úrsula não está presa em um castelo ou pelas correntes da escravidão, e sim junto à cama da mãe na fazenda que é sua casa. . Úrsula e seu amado tentam fugir, mas são capturados. O bacharel-mocinho, Tancredo, e Túlio, o escravo liberto, são mortos. A jovem enlouquece e amaldiçoa o vilão, definhando aprisionada até padecer de tristeza. A maldição surte efeito, e ele também acaba morrendo logo após confessar-se ao frei que esteve ao seu lado durante a vida inteira. A religiosidade se faz presente em todo romance, contrastando com a crueldade da escravidão e servindo como alento para os próprios escravos.

O negro na obra de Firmina é humanizado e expressa suas dores e angústias, rememora as saudades de casa, é compassivo e capaz de gestos de extrema bondade e fidelidade que poderiam ser dedicados somente a um amigo, e não a um dono ou “senhor”.

A constituição de personagens como *Suzana*, uma escrava vinda da África, retoma a ancestralidade africana, a sabedoria e a herança cultural que eram negados pela sociedade patriarcal e escravocrata dominante. De acordo com Mary Del Priore, em *A história das mulheres no Brasil*:

O que mais distingue esse livro não é o enredo romântico de amor, dor, incesto e morte, temas românticos comuns, mas o tratamento dado à

questão do escravo. A autora não fala do escravo em geral, de uma entidade abstrata, mas o individualiza através de personagens: Túlio, que se torna amigo do bacharel, porque “as almas generosas são sempre irmãs”, é o agente do enredo, tomando as iniciativas que modificam a vida dos outros personagens; Antero e Susana, que ainda se lembram de sua vida na África. A personagem da escrava Susana representa a guardiã da cultura africana, e é aquela que se lembra como foi capturada, da infame viagem pelos mares, dos escravos conduzidos por homens que não se importavam em “leva-los à sepultura asfixiados e famintos”. (PRIORE, 2004, p.434)

Os padrões da sociedade patriarcal do século XIX traziam um viés essencialmente racista, tratando o negro subordinado como um grande importuno e causador de todo atraso e malefícios do século XIX. O negro era visto como um objeto, uma peça na engrenagem de um grande jogo de poder e considerado inferior por questões raciais que justificam sua escravização. Ao ler a obra de Maria Firmina dos Reis, nos deparamos com a quebra desse conceito e a elevação, ou mais propriamente o surgimento da voz negra sob o viés de vítima de um sistema desumano e animalesco.

Bárbara Daibert comenta o interesse contemporâneo pela obra de Maria Firmina dos Reis após mais de um século de esquecimento:

Uma vez redescoberto, *Úrsula* recentemente vem recebendo atenção da crítica por tratar do tema da escravidão por um olhar diverso do de Bernardo Guimarães em *A Escrava Isaura* (1999) ou Joaquim Manoel de Macedo em *Vítimas Alagozes*, (1991) para citar apenas dois abolicionistas com obras reconhecidas e aclamadas nos meios intelectuais do século XIX. Mas o que há no romance da escritora que possa ter despertado interesse da crítica contemporânea em Maria Firmina dos Reis? (DAIBERT: 2018, p.333)

O atual momento vivido pela sociedade trouxe à tona questões abertas desde o período de escravidão. Uma obra oitocentista que questiona o lugar do negro e da mulher não pode ser esquecida ou ignorada. Maria Firmina dos Reis trata de questões sociais latentes e persistentes na sociedade brasileira até os dias de hoje. A autora trabalhou o tema dentro do contexto e como era possível trabalha-lo no século XIX, e assim a voz negra sussurra, sensibiliza, fala de si e de sua dor em sua obra.

Entretanto, a escrita de Maria Firmina dos Reis parte da perspectiva do outro, trazendo um ponto de vista inovador e revolucionário para a sua época. A escravidão é vista pelo olhar do escravo, e isso pode ser observado ao longo do romance *Úrsula*. A autora assume assim um posicionamento abolicionista e através de seus textos mostra a sua negação em se esquecer da diáspora africana, que por sua vezé parte de sua própria identidade afrodescendente.

O modelo abolicionista encontrado em Maria Firmina se aproxima do modelo estadunidense em que a abolição era defendida como um valor cristão, contrariando modelos abolicionistas nacionais como Joaquim Manoel de Macedo, que tratavam o escravo como um inimigo doméstico e familiar, reafirmando um imaginário do medo e justificando com base em tal sentimento a urgência da abolição.

O racismo estruturou-se como uma construção ideológica pautada na superioridade de uma classe sobre a outra: a inferiorização do negro adquiria um viés científico como justificativa, e tal argumento era encontrado até mesmo nos discursos abolicionistas que clamavam a integração do negro à sociedade, mas que propagavam histórias de terror com personagens negros sempre maldosos e cruéis. Isso acabava por povoar o imaginário da população e fazer da figura do negro algo que não se assemelhava ao humano, reforçando estereótipos e disseminando medo entre os brancos.

Desta forma, o negro mal nascido acabaria por corroer a sociedade brasileira, e sua falta de adaptação causava repulsa. O negro era considerado um ser incapaz de agir e sentir como homem livre, e justamente por não saber ser livre, como haveria de adaptar-se ao trabalho livre?

Maria Firmina dos Reis argumenta em favor de uma emancipação de todos os escravizados projetada em seus personagens negros com nomes e virtudes notáveis. Ao deixar falarem os personagens negros em seus textos, Firmina lhes dá também dignidade, humanidade, lugar de sentimento e posicionamento. O negro é

um irmão e por sê-lo a autora se compadece da dor do escravizado, fazendo transparecer sua opinião pelo viés de seus narradores.

Maria Firmina dos Reis trata da abolição e se encontra em um meio sexista e dominado por homens, no qual o desenvolvimento de temas emancipatórios não se destinava às mulheres. Para minimizar a transgressão que seu ato de escrita representa, a autora utiliza-se de uma falsa modéstia, apresentando-se no prefácio de sua obra como simples e humilde a sua escrita.

Maria Firmina dos Reis, através de seus escritos, permitiu que negros e mulheres pudessem falar e expressar seus pensamentos sem que houvesse para isso uma intermediação ou representação. Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?*, fala diretamente das questões da mulher indiana, que podemos adaptar à mulher “pobre e negra brasileira”, que por sua vez preenche todos os requisitos que lhe conferem a condição de subalternidade: a pobreza, o gênero e a cor, conjunto que faz com que a mulher negra permaneça no lugar de inferioridade demarcado ideologicamente. De acordo com Spivak, a categoria cor se torna inútil ao se referir ao significante emancipatório, pois o fato de uma mulher ser negra ou de cor não cumpre de forma completa o seu papel persuasivo e nem a aproxima da mulher de primeiro mundo, mantendo-a em lugar de inferioridade e negando tudo que possa se relacionar com a consciência de classe ou raça. Spivak aponta que é necessário recuperar informações em áreas silenciadas, de forma que a mulher possa falar, caso contrário, ela continuará muda como em toda a sua história. Esse é um aspecto complexo, porque toca na questão da consciência da mulher e do sujeito subalterno.

Desta forma, a literatura de Maria Firmina dos Reis relaciona-se à teoria do sujeito subalterno de Spivak à medida em que reforça a necessidade de criação de espaços que permitam ao sujeito subalterno falar. O negro firminiano fala por si só e sem que haja representação de sua voz. Diante disso Spivak nos aponta que combater a subalternidade passa pela criação de mecanismos que permitam que o subalterno não só se articule, mas que também seja ouvido.

Dentre estratégias adotadas para a expressão da voz subalterna, nos deparamos com a literatura de Maria Firmina dos Reis, representante da luta abolicionista e articuladora da voz do subalterno, do escravo e da mulher em meio a um cenário brasileiro adverso e que buscava manter a segregação racial e social através da escravidão.

O conto *A Escrava*

O conto *A escrava* de Maria Firmina dos Reis é uma narrativa curta, publicada originalmente em 1887, na *Revista Maranhense*, periódico que circulou no Maranhão e com o qual a autora colaborou.

O conto se passa em um salão com pessoas da sociedade daquela época que discutiam diversos temas até que se inicia um debate sobre o “elemento servil”. Neste momento, a personagem, “*uma senhora*”, entra em cena e toma a palavra, passando a centralizar a discussão e se tornando a narradora da trágica história da personagem *Joana*, uma escrava em fuga.

Joana foi uma escravizada libertada aos cinco anos de idade e, após viver dois anos como liberta, foi novamente escravizada. Indignada, fugia constantemente. Após muitos anos de violência, a personagem enlouquece. Tal fato ocorreu depois da separação de seus filhos – seus filhos gêmeos de oito anos, Carlos e Urbano – que foram vendidos no tráfico interprovincial e levados para o Rio de Janeiro. Na última fuga de *Joana*, essa *senhora* a auxilia e a esconde do feitor até a chegada de Gabriel, seu outro filho, que também estava a sua procura.

A *senhora* oferece proteção e os leva para sua casa, e quando questiona *Gabriel* sobre a história da mãe, *Joana* interrompe a conversa, mesmo fraca e já à beira da morte, insistindo em poder contar sua própria história: “não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou”. (REIS,2018,p.172) A partir desse lugar *Joana* narra – em primeira

pessoa – as memórias de sua vida por meio das cenas da escravidão e revela os projetos que perseguiu durante sua trajetória.

Joana passa a ser a protagonista da história narrada por uma anônima, “uma senhora de sentimentos abolicionistas” (REIS, 2018, p.164). Ao procurar contar sua história, acaba por reafirmar sua condição: “- Minha mãe era africana, meu pai de raça índia, mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.” (REIS, 2018, p.172) É importante observar que a partir deste ponto a escrava constrói e relata a sua paisagem, construída e vivenciada ao longo de sua vida e que demonstrava a forma como foi afetada por ela.

O conto *A escrava* retrata a voz e uma possível identidade negra. Trata-se de uma escrita abolicionista em um contexto escravocrata. A quebra do laço materno faz com que a loucura habite o espaço psicológico de *Joana*, fazendo-a símbolo do desejo dos escravos: a loucura é a única fuga possível. Dentro do conto, ouvimos vozes que fundidas em uma só culminam na reafirmação de elementos da cultura negra e da liberdade.

A reflexão sobre a mudez feminina e escrava dentro do conto vai além das questões idealistas, trata-se de uma questão de humanidade e de busca por igualdade entre semelhantes. O conto pode ser concebido como um efetivo exercício de fala e de reposicionamento da mulher e do negro dentro do espaço social da obra. Gayatri Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?* nos sinaliza que refletir sobre a “mudez” feminina não pode restringir-se a uma simples questão idealista, mas deve configurar-se como exercício de fala e reposicionamento da mulher no espaço social. Nesse cenário, portanto, silêncio é resistência.

O subalterno não pode falar. Não há valor nenhum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de propriedades globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio. (SPIVAK, 2010, p.126)

Desse modo, refletindo a situação da subalternidade feminina, a autora chama atenção para a marginalização da mulher no cenário da produção colonial

dominado pelo gênero masculino, não obstante seu visível desconforto quanto à posição subalterna que a mulher ocupa.

O espaço - dor no romance *Úrsula* e no conto *A Escrava*

O romance *Úrsula* de 1859 traz uma perspectiva capaz de transcender o tempo, demonstrando os efeitos da escravidão na vida de seus personagens. A corrupção do caráter, a bondade de alma pura, o amor e a loucura habitam o mesmo tempo e espaço, revelando a relação intrínseca existente entre o espaço físico, o tempo e os desencadeamentos que amor e loucura causam nos espaços psicológicos de cada um. *Úrsula* é o início de uma obra abolicionista.

Por “tempo” entendemos aquilo que não se pode explicar e muito menos impedir que passe. Pode ser físico, consistindo num processo de mudança e sucessão de fatos físicos e observáveis (tempo da natureza); psicológico, uma sucessão de estados internos, que não se relaciona propriamente com medidas temporais. A junção dos tempos nos traz uma relação de causa e efeito que se funde num fluxo de tempo vivido pelos personagens.

E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! [...] E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! (REIS, 2018, p.70)

Apesar de estar inserida em um tempo presente e físico, a mente de *Suzana* só se recorda do passado, pois foi lá que ficou, devido ao grande trauma da separação e rompimento do laço materno e familiar. No conto *A Escrava* essa relação se dá na constituição da personagem *Joana* como uma espécie de lapso de tempo em que nada que vem após o grande trauma pode afeta-la da mesma maneira. A sucessão dos fatos se traduz em saudade e pesar, pois o tempo vivido assim como o tempo físico são irreversíveis.

-Sim, para que estas lágrimas?!...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade...ah! Eu a gozei na minha mocidade! – Continuou Suzana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu.[...] (REIS, 2018, p.69)

É interessante notar que no romance os acontecimentos marcantes se encontram muito acima das relações temporais. Roland Barthes nos afirma que a narrativa estabelece “uma confusão entre consequência e consecução, o tempo e a lógica”. (BARTHES, 1960, p.12) Isso demonstra a confusão vivida pelos personagens e sua mente fixada em determinado tempo espaço, ignorando a continuação irreversível do tempo. O lugar da dor aprisiona porque a mente busca a todo tempo restabelecer o elo rompido:

Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p.69-70)

O lugar da dor da personagem reflete o seu trauma devido à grande separação pela qual ela e milhares de escravizados passaram. O corpo escravizado é realocado ao estado de servidão e submetido aos limites estabelecidos pelo sistema escravocrata que repulsava negros e mulheres, limitando-os a espaços de isolamento e conveniência. Lembrar é tudo o que resta, recriar na mente desfechos outros possíveis que pudessem transformar a realidade.

O tempo na obra literária é inseparável do imaginário e percorre as cadeias do presente, passado e futuro, estabelecendo uma intrínseca relação com os acontecimentos sem nunca dar continuidade ao tempo real onde os personagens estão inseridos. Quando isso ocorre, nos deparamos com uma associação de tempo e

espaço que culmina no “ser” e no “estar” dos personagens. Isso é feito através das referências de construção e inserção de uma determinada imagem.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras...É horrível lembrar que as criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de leva-los a sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2018, p.71)

Ao ter sua liberdade retirada, *Suzana* é inserida num espaço de dor e servidão, onde o seu ser é desconstruído. Seu corpo é aprisionado, mas sua mente rememora as dores e a liberdade em uma constante personificação da luta da Mãe África para libertar seus filhos. A grande anciã funde-se ao continente e à cultura africana como voz de resistência e liberdade.

Através da escrita do romance, ocorre o que podemos chamar de “produção de espaço para o ser” (SANTOS, 2001, p.67). Isso significa que, diante de um espaço adverso e opressor para mulheres e negros no auge escravagista do século XIX, Maria Firmina dos Reis através do Romance *Úrsula* cria um espaço na narrativa para que esses grupos, especialmente os negros vítimas da feroz escravidão, pudessem ter expressão e a chance de mostrar uma imagem real e humana.

O espaço criado dentro do romance de Maria Firmina dos Reis reflete a violência da escravidão e a dominação do sistema patriarcal. Os personagens firminianos são constituídos de voz própria e virtudes cristãs. O escravo deixou o lugar de algoz e em um posicionamento inédito, mostrando-se como a verdadeira vítima da escravidão.

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2018, p.18-19)

Neste ponto, o escravo é humanizado e reinserido ao papel de ser humano através de um olhar fraternal. Como também podemos observar no conto *A Escrava* com a descrição do jovem escravo Gabriel:

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante. No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade. (REIS, 2018, p.167-8)

Entendemos que a humanização dos personagens escravizados revela o olhar da própria autora, solidária à causa abolicionista e defensora da liberdade de negros e mulheres. O estranhamento inicial com a imagem de Gabriel revela os reflexos preconceituosos da sociedade, que construíram o negro como animal feroz e incapaz de sentimentos bons. A descrição das feições bondosas e espírito nobre dos jovens escravizados demonstravam uma afronta à constituição cruel do negro feita e disseminada pela elite.

O espaço geográfico, distorcido na visão patriarcal da elite, é revelado tal qual como seus personagens o sentiam. As características existenciais dos personagens são demonstradas e sensibilizadas em tom cristão de compaixão. Mais que um romance com as influências do século XIX, a narrativa de Maria Firmina dos Reis é uma expressão política contra o regime escravocrata.

O romance e o conto unem linguagem, história, construtos psicológicos e sociais que, ignorados pela sociedade vigente, habitam as linhas do romance e se colocam sob o olhar do leitor. A cultura ocidental estabelece que o espaço se constitua através da ocupação de um corpo em um determinado lugar. Isso nos soa conflitante na estrutura literária, uma vez que o corpo escravizado ocupa o lugar da servidão no espaço físico e o lugar da memória no espaço psicológico. O corpo escravizado é apenas o corpo físico que segue o fluxo de tempo, mas a mente é um

corpo psicológico preso no local do trauma e revivendo momentos saudosos anteriores a ele.

O Brasil do século XIX determinava como espaço a ser ocupado tudo aquilo que podia ser visto, “o espaço que ocupo seria especialmente aquele que vejo”(SANTOS, 2001, p.69). Daí decorre a limitação da perspectiva do olhar da mulher e do escravo. O olhar de Maria Firmina dos Reis em *Úrsula e A Escrava* revela a busca pela identificação do leitor em relação à narrativa e aos espaços sociais da realidade através da assimilação.

A literatura, o romance e o conto interrogam o leitor sobre a certeza que ele traz do espaço concreto, no entanto, ao revelar a dor e humanização dos personagens que eram animalizados ou objetificados pelo sistema opressor, confrontam a noção de realidade e espaço. Desta forma, a relação entre literatura e realidade passa pela formação de uma imagem que ultrapassa as dimensões do real e estabelece críticas aos aspectos sociais do Brasil.

O conto *A escrava* de Maria Firmina dos Reis é considerado a consolidação de uma literatura abolicionista, escrito em 1887, meses antes da abolição, representa uma evolução da literatura Firminiana e um olhar que se estendeu a negros e mulheres por toda sua obra.

A senhora que narra o conto *A Escrava* é quem acolhe mãe e filho em sua casa, compadecendo-se dos escravos e usando desta acolhida para deixar sua voz surgir, o que era uma narrativa interna ao conto, em que Joana conta a história de seus pais, um índio e uma africana, como mencionado anteriormente. A figura do homem branco é deixada de lado e entende-se a constituição do povo brasileiro também como resultado da união de índios e africanos.

Joana falece na sala da tal senhora, vítima de suas lembranças e sem poder suportar as emoções. A morte surge como uma fuga ao sofrimento neste caso. Gabriel mal sentira a dor de perder a mãe e já tinha de enfrentar o medo de retornar

ao cativo, despertado pela figura do feitor e do senhor de escravos que vinham atrás dele.

Sei que esta negra está morta, exclamou ele, e o filho acha-se aqui: tudo isso teve bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou, olhando fixamente para o cadáver – esta negra era alguma coisa de monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a sua existência. Morreu, não lamento esta perda, já para nada prestava. O Antônio, meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procura-la. Porém minha senhora, este negro! – designava o pobre Gabriel, como este negro a coisa muda de figura: minha querida senhora, este negro está fugido: espero, mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo (REIS, 2018, p.176)

A insensibilidade e o caráter violento do senhor de escravos ficam evidenciados no trecho acima. O menino, sujeito ao julgamento de si mesmo como simples objeto e mercadoria, fruto de crueldade e vilania, choca-se com a surpresa ideia da liberdade quando a senhora que o abrigava apresenta os documentos que conferiam a ele a emancipação. Havia na sala um cadáver e um homem livre.

A liberdade é um valor universal dentro e fora da obra literária, e quando se apresenta em Maria Firmina devolve aos personagens dignidade e humanidade. O texto sensibiliza o leitor e o leva a propagar ideais abolicionistas, uma vez que o negro escravizado e a mulher silenciada rompem com os paradigmas impostos na sociedade vigente. Maria Firmina dos Reis vai além das questões vigentes naquele momento, como nos afirma Bárbara Simões:

Maria Firmina dos Reis inaugura não apenas um novo olhar em seu romance, partindo do ponto de vista o escravo, mas em sua obra há indícios de uma profunda questão existencial que, para ela, só poderia, na prática, ser resolvida pela vida da solidariedade. Apropriando-se do discurso religioso, como sua personagem não nomeada de seu conto, Firmina constrói seu próprio discurso afirmando a necessidade da redenção para um mundo que estava em desacordo. “Timidamente”, como convinha, mas sistematicamente, a maranhense apropriou-se dos meios de que dispunha para pregar certa tese que poderia convencer os ouvidos cristãos-católicos de sua época. Assim, sua maior sagacidade foi basear seu próprio clamor em favor da abolição na premissa católica e no discurso dominante da fraternidade, que poderia, quem sabe, por fim à sua grande questão existencial: (SIMÕES, 2018, p.347)

A incorporação de elementos da religiosidade cristã demonstra a estratégia da autora de argumentar e buscar a adesão de seus leitores às suas ideias. A opressão vivida pelos escravizados no Brasil punha em conflito a teoria e a prática religiosa do Catolicismo.

“Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é irmão?!”.(REIS, 2004,p.23)

Ambos os textos *Úrsula* e *A escrava* apresentam o sentimento da autora de compaixão para com os oprimidos e trazem uma denúncia contra as entidades que propagavam e legitimavam a escravidão. Os dramas vividos pelos escravizados refletiam um olhar para questões problemáticas e latentes do início ao fim do século.

Considerações finais

Maria Firmina dos Reis argumenta em favor de uma emancipação de todos os escravos e trata da abolição em um meio pertencente aos homens, onde o desenvolvimento de temas como a abolição e voz-feminina, voz-liberdade, não se destinava às mulheres. Sua escrita voltada ao outro traz um novo ponto de vista, revolucionário para sua época. A escravidão é vista pelo olhar do escravo. Essa perspectiva pode ser observada ao longo do romance *Úrsula* e no conto *A Escrava*. A autora assume o posicionamento abolicionista e nega-se a esquecer a diáspora africana ou a escravidão. Sua obra, entretanto, por diversos fatores que ainda estão em investigação, foi relegada ao esquecimento durante o século XX

O modelo abolicionista encontrado em Maria Firmina se aproxima do modelo estadunidense em que a abolição é defendida com base em valores cristãos, contrariando modelos nacionais como Joaquim Manoel de Macedo, que tratavam o escravo como um inimigo doméstico e familiar, reafirmando um imaginário do medo, ou mesmo Bernardo Guimarães, para quem sua escrava Isaura somente tem que ser posta em liberdade porque, na verdade, é branca.

A obra de Maria Firmina dos Reis fala dos negros escravizados, mas fala também da mulher da época; e a apresentação de uma personagem que é uma senhora abolicionista em *A Escrava* revela a presença simbólica de uma outra opressão paralela à escravidão no Brasil oitocentista. . A *Senhora* abolicionista firminiana é a representação da mulher cativa da sociedade patriarcal, sem direitos ou vontades, e que no entanto rompe com a hierarquia colonial no desfecho do conto.

A reflexão da mudez feminina e escrava dentro da obra de Maria Firmina vai além de uma questão idealista, trata-se de uma questão humanitária e igualitária, de pessoas que estão buscando direitos básicos e inacessíveis naquele período de nossa história, e que ainda hoje permanecem à margem em muitos sentidos. A obra da autora pode ser concebida como um efetivo exercício de fala e reposicionamento da mulher e do negro dentro do espaço social literário.

Maria Firmina dos Reis argumenta em favor de uma emancipação de todos os escravos projetada em seus personagens negros com nomes e virtudes morais. À frente de seu tempo, Firmina discutia a abolição em um meio que pertencia aos homens, um mundo em que a discussão de temas políticos não se destinava às mulheres.

As questões existenciais só poderiam ser resolvidas através da solidariedade e da concepção cristã encontrada por toda a extensão da obra de Maria Firmina dos Reis. Cada elemento do texto é significativo; e o silêncio dos negros, a própria loucura e a morte são formas de resistência. Seu posicionamento abolicionista e sua obra que considera a narrativa da diáspora são a reafirmação de uma cultura e de uma diáspora africana que permanece e ressurgiu, finalmente, nos dias de hoje.

O espaço criado por um romance é significativo, abrangendo aspectos nem sempre observados como a própria disposição do texto. A narrativa prosaica é um fluxo contínuo, é a assimilação da realidade contínua que nos desperta o desejo de muda-la, e ao mesmo tempo de fugir dela através da lembrança de momentos anteriores. Neste contexto, a memória é um espaço de fuga e resistência. A junção

dos corpos em um espaço e os acontecimentos nos quais esses corpos estão inseridos afetam e transformam as noções de tempo e espaço.

O sujeito da narrativa se distancia de tempo e espaço físicos, apelando para a memória fixa e contínua. Se por um lado o espaço físico é arbitrário e limitador, o espaço psicológico quebra com toda a lógica real e permite ao sujeito da narrativa permanecer e vivenciar suas lembranças, inserindo seu corpo em um lugar de aceitação. O espaço físico limita, o psicológico liberta.

A radicalização dessa perspectiva leva a uma visão determinista do espaço. O componente físico – paisagem, interiores, decorações, objetos – condiciona o desenrolar da ação, o trânsito das personagens. Por outro lado, quando a perspectiva se abre, torna-se possível pensar o espaço enquanto lugar que abarca tanto configurações sociais – o chamado espaço social – quanto configurações psíquicas – o espaço psicológico. (SANTOS, 2001, p.79)

O romance *Úrsula* e o conto *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis comportam-se como um espaço social de observação, descrição e análise de ambientes com uma finalidade crítica, buscando chamar a atenção do leitor para os problemas enfrentados e evidenciados em seus textos.

Referências

BARTHES, Roland. **Introduction à l'analyse structurale des réctis**. Paris: Seuil, 1960.

DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira (Orgs) **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.p.329-348.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PRIORE, Mary Del.(Org.) BASSANEZI, Carla.(Coord.) **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

REIS, Maria Firmina dos, 1825-1917. **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

REIS, Maria Firmina. “A escrava”. In: **Maria Firmina dos Reis. Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis. Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad.Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.